Mulheres e Guerra: Lições sobre uma Realidade Ocultada

Women and War: Insights into a Hidden Reality

Mujeres y guerra: aprendizajes sobre una realidad oculta

Ana Laura Baia de Morais[1]
Thaís Vieira[2]
DOI: 10.5752/P.2317-773X.2025v13n2p236-241

Enviado em: 13 de novembro de 2025
Aceito em: 16 de março de 2026

RESUMO

Esta resenha analisa a obra *Twelve Feminist Lessons of War* (2023), da teórica feminista Cynthia Enloe. O tema central é o impacto do militarismo sobre os corpos femininos e a necessidade de uma lente de gênero para compreender como o militarismo atravessa violentamente a vida de mulheres, crianças e populações LGBTQUIA+. O objetivo do texto é examinar, a partir de uma abordagem crítica, as doze lições propostas pela autora, que desafiam a invisibilidade das mulheres nas narrativas de guerra e discutem a militarização. Ademais, propõe-se um diálogo com a antropóloga argentina Rita Segato, dadas suas contribuições acerca da violência no Sul Global e de sua relação com a masculinidade. Destaca-se que, embora a obra de Enloe seja indispensável pela fluidez e pela riqueza de casos práticos, apresenta lacunas quanto à formalização metodológica e à integração de perspectivas latino-americanas. Por fim, ressalta-se a originalidade do livro ao convocar uma construção coletiva de novos saberes feministas, reafirmando que a compreensão da guerra é indissociável das dinâmicas de gênero que a tornam possível.

Palavras-chave: Militarismo; Gênero; Relações Internacionais; Cynthia Enloe; Feminismo.

ABSTRACT

This review analyzes the work Twelve Feminist Lessons of War (2023), by feminist theorist Cynthia Enloe. The central theme is the impact of militarism on female bodies and the need for a gender lens to understand how militarism violently permeates the lives of women, children, and LGBTQIA+ populations. The objective of this text is to examine, through a critical approach, the twelve

1. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: analauramoraiscontato@gmail.com. ORCID: 0009-0004-2630-1802.
2. Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bacharela em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista de Pós-doutorado Capes no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Federal de Goiás, código de financiamento 001. E-mail: thaisvieirari@gmail.com. ORCID: 0000-0002-9524-4141.

lessons proposed by the author, which challenge the invisibility of women in war narratives and discuss militarization. Furthermore, a dialogue is proposed with the Argentine anthropologist Rita Segato, given her contributions regarding violence in the Global South and its relationship with masculinity. It is noted that, although Enloe's work is indispensable for its fluidity and richness of practical cases, it presents gaps regarding methodological formalization and the integration of Latin American perspectives. Finally, the review highlights the book's originality in calling for a collective construction of new feminist knowledge, reaffirming that the understanding of war is inseparable from the gender dynamics that make it possible.

Keywords: Militarism; Gender; International Relations; Cynthia Enloe; Feminism.

RESUMEN

Esta reseña analiza la obra *Twelve Feminist Lessons of War* (2023), de la teórica feminista Cynthia Enloe. El tema central es el impacto del militarismo sobre los cuerpos femeninos y la necesidad de una lente de género para comprender cómo el militarismo atraviesa violentamente la vida de las mujeres, niños y poblaciones LGBTQIA+. El objetivo del texto es examinar, desde un enfoque crítico, las doce lecciones propuestas por la autora, las cuales desafían la invisibilidad de las mujeres en las narrativas de guerra y discuten la militarización. Además, se propone un diálogo con la antropóloga argentina Rita Segato, dadas sus contribuciones sobre la violencia en el Sur Global y su relación con la masculinidad. Se destaca que, si bien la obra de Enloe es indispensable por su fluidez y riqueza de casos prácticos, presenta lagunas en cuanto a la formalización metodológica y la integración de perspectivas latinoamericanas. Por último, se resalta la originalidad del libro al convocar una construcción colectiva de nuevos saberes feministas, reafirmando que la comprensión de la guerra es indisociable de las dinámicas de género que la hacen posible.

Palabras claves: Militarismo; Género; Relaciones Internacionales; Cynthia Enloe; Feminismo.

Cynthia Enloe é uma ativista feminista, teórica e referência indispensável nos estudos feministas de Relações Internacionais. Atualmente, atua como professora e pesquisadora na *Clark University*, no departamento de Sustentabilidade e Justiça Social. O mais recente dos seus 15 livros publicados, *Twelve Feminist Lessons of War*, publicado em 2023 pela *University of California Press*, possui a mesma fluidez do seu clássico livro *Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of International Politics* (Enloe, 1990), sendo um grande compilado dos aprendizados e *insights* que a autora acumulou ao longo da sua vida se dedicando a estudar como o militarismo atravessa os corpos femininos.

Publicado em inglês um ano após o início da guerra entre Rússia e Ucrânia, a autora, com muita sensibilidade, dedica seu livro às feministas ucranianas – as quais posteriormente recebem um capítulo onde a autora explicita os ensinamentos que essas mulheres nos deixam em contexto de guerra. Já no prefácio, Enloe explica de forma clara o propósito da obra: ela não está trazendo doze lições feministas sobre a guerra para transformar em militares de alta patente, mas sim para podermos expandir as percepções sobre as guerras a partir de uma lente de gênero e compreender como essas guerras afetam violentamente a vida de mulheres, crianças e populações LGBTQUIA+. Dessa forma, a autora defende que "se

não prestarmos séria atenção às complexidades das ideias e experiências em tempos de guerra de diversas mulheres, nós arriscamos perder – ou compreender de forma errônea – as causas e consequências das guerras"[3] (Enloe, 2023, p. 2, tradução nossa).

Assim, suas doze lições não são fruto de um ano ou dois de pesquisa, mas de uma vida inteira observando atentamente e, especialmente, conversando com outras mulheres que também estavam observando atentamente o mundo ao seu redor. Este fato contribui para que a autora traga uma vasta lista de referências e notas de rodapé valiosíssimas, com vivências e estudos de casos plurais, trazendo à luz casos e pesquisas, tanto mais conhecidos – como, por exemplo, os escândalos dos capacetes azuis mencionados no quarto capítulo –, quanto aqueles pouco impulsionados pelo *mainstream*. Suas doze lições são, na verdade, um convite para que possamos refletir sobre nossas experiências e dedicar um olhar cuidadoso a experiências divergentes, para que seja uma construção coletiva crescente.

Portanto, façamos um passeio pelas lições elaboradas no volume, embora a densidade dos capítulos não permita que somente seus títulos sejam mencionados. Em primeiro lugar, Cynthia Enloe aponta que as guerras das mulheres não são as guerras dos homens, uma vez que mulheres e homens vivenciam a guerra de formas diferentes, visto que mesmo na guerra as mulheres estão sobrecarregadas por trabalhos desvalorizados e invisibilizados. Assim, a autora defende que a guerra antecede o primeiro disparo, na verdade ela sempre é precedida por condições de desigualdade. Na segunda lição, a autora nos ensina que toda guerra é travada em um contexto histórico inerentemente permeado pela variável gênero. Neste sentido, todos os detalhes que constroem uma guerra são genderizados, os meios de comunicação são genderizados, o acesso aos recursos é genderizado, o capital é genderizado. Partir desse pressuposto permite que vejamos padrões, decisões e cálculos deliberados onde antes havia somente "consequências inevitáveis" e "efeitos colaterais". "A guerra é um inferno. A guerra é um inferno genderizado. A guerra é um inferno genderizado dentro de uma história genderizada em curso"[4] (Enloe, 2023, p. 32, tradução nossa).

Terceira lição: fazer homens lutarem não é tão fácil assim, uma vez que envolve acesso à informação, dinheiro, treinamento e, especialmente, uma intensa construção social da masculinidade como sendo algo atrelado ao militarismo. Assim, o elo forte entre o militarismo e a masculinidade é forjado não somente pelo Estado, mas pelo apoio civil, incluindo as mulheres – mães e esposas, por exemplo –, o que faz com que possam ser também vozes de contestação. Como consequência, entender a guerra é compreender as dinâmicas de gênero que a torna possível. A quarta lição, por sua vez, ensina que as mulheres soldadas não configuram um tipo de libertação, visto que há uma permissão de que as mulheres adentrem somente espaços que os homens julgam apropriados, explorando

3. If we do not pay serious attention to the complexities of diverse women's ideas and wartime experiences, we risk missing – or misunderstanding – the causes and consequences of wars. (Enloe, 2023, p. 2).
4. War is hell. War is a gendered hell. War is a gendered hell in ongoing gendered history (Enloe, 2023, p. 32).

convenientemente as contribuições das forças de trabalho feminina, porém mantendo o privilégio masculino acima das necessidades femininas.

Na quinta lição, Enloe (2023) demonstra que mulheres como insurgentes armadas oferecem advertências feministas, uma vez que estas fazem esforços e sacrifícios para se juntar a forças anti-coloniais e anti-ditatoriais e então, ao reestabelecer lideranças e partidos, são deixadas completamente de fora. Nenhum levante organizado por homens será contra o patriarcado, logo, o fim do privilégio masculino será sempre postergado. Tal leitura realizada pela autora vai ao encontro do que Segato (2022, p. 37) propõe ao dizer que "nenhum patriarcão fará a revolução", onde a autora argentina argumenta que os homens não abrirão mão de seus privilégios em prol de construir conjuntamente os direitos das mulheres, uma vez que a relação entre homens e mulheres e pautada numa lógica de donidade, em que os homens se configuram enquanto donos da vida.

A sexta lição informa que feridos importam, e os feridos possuem gênero. Dedicar atenção aos feridos é expandir a visão sobre as reais consequências da guerra e entender mais sobre a dor que vem com a guerra – além de chamar à atenção para o fato de que esses feridos serão cuidados por alguém, que mais uma vez serão em maioria mulheres com o trabalho completamente invisibilizado. E toda essa invisibilização nos faz pensar que os custos de uma guerra são menores do que realmente são.

Na sétima lição a autora discorre sobre a necessidade de tornar os estupros em tempos de guerra visíveis e tratá-los como o crime gravíssimo que realmente são, pois somente por meio de investigações individuais dos abusos sexuais e do mapeamento de possíveis padrões desses atos, será possível contabilizar e responsabilizar os abusadores. Neste sentido, podemos pensar nas próprias violências sexuais infringidas contra as mulheres guerrilheiras nas ditaduras latino-americanas, seja no Chile – como a própria Enloe exemplifica no livro –, na Argentina, no Brasil, entre outros diversos países que possuíram os mesmos padrões de punição sobre corpos femininos, impedindo que esses estupros possam ser considerados meros efeitos colaterais da guerra dos homens. O estupro em tempos de guerra, de conflito, é sistemático e tem o papel de comunicar uma mensagem, como abordaremos mais a frente.

A oitava lição discutiu como as feministas seguem se organizando enquanto a guerra está em ebulição, uma marca dos movimentos sociais feministas ao longo da história que pode ser exemplificado através da mobilização em torno do Primeiro Congresso Mundial Feminino pela Paz, que ocorre em 1915, e delineou as bases do que hoje é conhecida como Política Externa Feminista. Mesmo em tempos de guerra as mulheres seguem se organizando, traçando estratégias e desenvolvendo seus pensamentos. A nona lição nos traz as consequências da guerra para as gerações vindouras, visto que as consequências da guerra podem se refletir por diversas gerações. Ao dizer "após a guerra suas necessidades serão priorizadas", pode-se compreender que o "depois" é uma zona temporal patriarcal[5] (Enloe, 2023, p. 121), o que de certa forma pode se comunicar

5. "Later" is a patriarchal time zone (Enloe, 2023, p. 121).

também com o quinto capítulo. Ao definir um período como "pós-guerra", não somente falamos que se trata de um período após a guerra, mas que segue sendo definido em torno da guerra prévia. Pensar em pós-guerra, é ouvir os silêncios e trabalhar a memória, compreender quais serão as lições de guerra, evitando que seja um simples processo de colocar tudo debaixo do tapete e arrumar a casa superficialmente para receber visitas – ou investidores.

A décima lição demonstra como a militarização começa em tempos de paz, sendo um lento progresso ao longo do tempo, em camadas muito sutis, em um conjunto de ideias distintas e até mesmo contraditórias. Assim, para entender a militarização, é preciso entender como garotas e mulheres se tornam militarizadas, não em processo de julgamento, mas de real interesse nessas vivências e nesses processos. Décima-primeira lição: as feministas ucranianas têm lições a nos ensinar sobre a guerra, em que Enloe (2023) traz à luz não somente a guerra russo-ucraniana, mas a ampla participação de ucranianas em guerras ao longo da história, como na I e II Guerra Mundial. Este capítulo pode ser considerado quase como um estudo de caso da oitava lição, de como as feministas ucranianas seguiram se organizando, reconhecendo seus esforços em buscar ajudar mulheres e crianças a estarem seguras, reduzir as consequências devastadoras da guerra e atrair solidariedade e apoio.

Por último, Enloe traz a sua décima-segunda lição, onde defende que lições feministas são para todo mundo. É uma espécie de reflexão, mas também um convite para pensarmos as guerras em outros termos e desenvolvermos nossas próprias lições, sempre em movimento. Inclusive, ela dá uma pista do que poderia ser a décima-terceira lição: é preciso se colocar no lugar dessas mulheres e meninas, ser solidárias e nos mobilizarmos. Portanto, como ilustrado, a cada capítulo é como se todo um universo estivesse sendo revelado, com riqueza de detalhes e elucidando questões impensadas, ao invés de trazer simples ramificações de um mesmo ponto observado.

O livro é muito rico, bem escrito e organizado, porém falha ao deixar de acrescentar uma perspectiva de violência contra a mulher oriunda do Sul Global que dialoga diretamente com a proposta do livro, como as obras da antropóloga argentina Rita Laura Segato, referência em estudos sobre masculinidade e violência, o que faremos, abraçando seu convite a pensar em outras lições e encararmos suas lições como algo em movimento. É possível traçar inúmeros diálogos entre as autoras, seja pensando em questões pontuais apresentadas no livro de Enloe, ou para expandir a própria ideia de guerra. No primeiro caso, podemos mencionar as ponderações sobre o que leva os homens a ir à guerra, e sua análise sobre o estupro em tempos de guerra, considerando que a Segato possui amplas teorizações.

Nesse sentido, Segato em seu livro "*La guerra contra las mujeres*" compila algumas de suas formulações sobre tal tópico:

> 1) la expresión "violencia sexual" confunde, pues aunque la agresión se ejecute por medios sexuales, la finalidad de la misma no es del orden de lo sexual sino del orden del poder; 2) no se trata de agresiones originadas en la pulsión libidinal traducida en deseo de satisfacción sexual, sino que la libido se orienta aquí al po-

> der y a un mandato de pares o cofrades masculinos que exige una prueba de pertenencia al grupo; 3) lo que refrenda la pertenencia al grupo es un tributo que, mediante exacción, fluye de la posición femenina a la masculina, construyéndola como resultado de ese proceso; 4) la estructura funcional jerárquicamente dispuesta que el mandato de masculinidad origina es análoga al orden mafioso; 5) mediante este tipo de violencia el poder se expresa, se exhibe y se consolida de forma truculenta ante la mirada pública, por lo tanto representando un tipo de violencia expresiva y no instrumental. (Segato, 2016, p. 10).

Um outro ponto de crítica que pode ser abordado em relação à obra analisada diz respeito à lacuna da metodologia presente no texto. Como o objetivo do texto é teorizar a experiência das mulheres na guerra, a ausência de uma metodologia que evidencie como foi feita a coleta e a análise de dados deixa dúvidas a respeito de como o argumento foi construído. A falta de descrição dos aportes metodológicos utilizados deixa dúvidas para o leitor que pretende empreender pesquisas na área, visto que os dados e evidências coletados, pelo que demonstra o texto, não apresenta uma estruturação única, podendo ter sido reunidos de várias formas diferentes. Esta, inclusive, é uma crítica que se faz aos trabalhos referentes às disciplinas de Relações Internacionais no Brasil, que em geral carecem de metodologias bem delimitadas, especialmente, quando se trata de trabalhos referentes que utilizam uma metodologia qualitativa.

Recomendamos que seja feita uma leitura crítica do texto apresentado, considerando as inovações que a autora faz ao trazer os aspectos que podem ser apreendidos da vivência das mulheres na guerra e os debates que podem ser suscitados a partir das discussões apresentadas. Contudo, há que se estar atento para os déficits ou omissões metodológicas que o texto apresenta. Acreditamos que essa falta de uma metodologia explícita fragiliza o argumento, mas não o invalida como um todo. Com muita originalidade, Enloe (2023) nos apresenta um livro que traz considerações muito difíceis, mas com uma linguagem clara e acessível, contando com um acervo surpreendente e muito bem fundamentado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENLOE, Cynthia H**. Bananas, Beaches & Bases: Making Feminist Sense of International Politics**. 1. ed. Berkeley: University of California Press, 1990.

ENLOE, Cynthia H. **Twelve feminist lessons of war**. Oakland, California: University of California Press, 2023.

SEGATO, Rita Laura. **Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid, España: Traficantes de Sueños, 2016.